

Arquitetura e Urbanismo: Forma, Espaço e Design

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

Arquitetura e Urbanismo: Forma, Espaço e Design

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A772	Arquitetura e urbanismo: forma, espaço e design [recurso eletrônico] / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-615-7 DOI 10.22533/at.ed.157190509 1. Arquitetura. 2. Desenho (Projetos). 3. Urbanismo. I. Migliorini, Jeanine Mafra. CDD 720
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Discutir Arquitetura e Urbanismo é trazer à tona uma realidade cotidiana, é abordar a relação entre homem e espaço. Esta por sua vez, impacta diretamente na qualidade de vida das pessoas. Por isso pesquisar sobre Arquitetura e Urbanismo é abrir um leque de infinitas possibilidades de abordagem, que pode ser a arquitetura enquanto construção, o patrimônio, a cidade, os parques, as políticas de habitação, enfim, temas que parecem desconectados, mas que, na realidade, possuem uma ligação primordial: o espaço habitado pelo homem.

É em busca de qualidade desse espaço vivido que os artigos deste livro se conectam. O espaço construído é discutido enquanto verticalização e também patrimônio, as políticas de habitação e seus impactos na urbanização; o espaço aberto aparece nas discussões acerca dos parques e patrimônio natural. Os relatos aqui apresentados oportunizam reflexões sobre o urbano, sua segregação, sua degradação, suas inclusões e exclusões, e vislumbram um horizonte de possibilidades para nossos espaços.

A relevância de trazer à tona discussões atualizadas para nossos espaços, faz deste *e-book* uma contribuição efetiva para diversas áreas que estudam o espaço e sua relação com o homem, disseminando visões acerca desses conhecimentos.

Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ARRANHA-CÉU NO SÉCULO XXI: SENTIDO DE CHEGADA E O SENTIDO DE LUGAR. O CASO DO LEADENHALL BUILDING	
Luís Henrique Bueno Villanova	
DOI 10.22533/at.ed.1571905091	
CAPÍTULO 2	14
PARQUES LINEARES COMO ELEMENTOS DE CONEXÃO: UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA COBERTURA VEGETAL	
Gisele Aparecida Nogueira Yallouz	
Bruno Silva Ferreira	
Fabiany Sampaio Bertucci Tavares	
Jussara Maria Basso	
DOI 10.22533/at.ed.1571905092	
CAPÍTULO 3	25
A PAISAGEM DA BAIA DA GUANABARA: PATRIMÔNIO, SEGREGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	
Leonardo Marques de Mesentier	
Evelyn Furquim Werneck Lima	
DOI 10.22533/at.ed.1571905093	
CAPÍTULO 4	40
PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E ECONOMIA CRIATIVA CONVERGÊNCIAS	
Elisabete Barbosa Castanheira	
DOI 10.22533/at.ed.1571905094	
CAPÍTULO 5	54
AS JANELAS QUEBRADAS NO QUARTO DISTRITO DE PORTO ALEGRE	
Daniel Barreto Dillenburg	
Marina Machado Dillenburg	
DOI 10.22533/at.ed.1571905095	
CAPÍTULO 6	65
FRAGMENTOS URBANOS: SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL EM UBERLÂNDIA/MG	
Guilherme Augusto Soares da Motta	
DOI 10.22533/at.ed.1571905096	
CAPÍTULO 7	79
O MINHA CASA MINHA VIDA “EMPRESAS” NA CIDADE DE SÃO PAULO: UMA ANÁLISE DO CONJUNTO HABITACIONAL “TEOTÔNIO VILELA – PIRACICABA”	
Marcelo Álvares de Lima Depieri	
DOI 10.22533/at.ed.1571905097	

CAPÍTULO 8	91
ANÁLISE DA VIABILIDADE AMBIENTAL DA CONSTRUÇÃO DE FOSSAS SÉPTICAS DE PNEUS DE DESCARTE EM ÁREAS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ITAJUBÁ - MG	
Bruna Horta Bastos Kuffner	
Claudio Marcelino de Toledo	
Demarcus Werdine	
José Maurício Pereira dos Santos	
Leyde Kelly Miranda	
Maira de Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.1571905098	
CAPÍTULO 9	104
AUTENTICIDADE EM RISCO ONDE ESTA O ARCO? O GATO COMEU!	
Eder Donizete da Silva	
Adriana Dantas Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.1571905099	
SOBRE A ORGANIZADORA	120
ÍNDICE REMISSIVO	121

ARRANHA-CÉU NO SÉCULO XXI: SENTIDO DE CHEGADA E O SENTIDO DE LUGAR. O CASO DO LEADENHALL BUILDING

Luís Henrique Bueno Villanova

UFRGS, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura. Porto Alegre – Rio Grande do Sul

RESUMO: Este artigo é parte da pesquisa de mestrado, apresentada em fevereiro de 2018, que tem como tema o estudo de possibilidades de inserção da tipologia arranha-céu no século XXI. Como o edifício em altura se relaciona com as características físicas do local, para um melhor desempenho no papel de solução para a alta densificação dos grandes centros urbanos? Diante do caráter analítico, que a pesquisa tem, e com base em estudos preliminares já desenvolvidos, surge a importante questão da condição da base e, principalmente, do “sentido de lugar” e “sentido de chegada” dos arranha-céus e sua relação com a paisagem da rua. Os aspectos dinâmicos do movimento proposto em direção à um edifício, apresentam-se como ponto focal do estudo de caso apresentado neste artigo: o *Leadenhall Building*, em Londres.

PALAVRAS-CHAVE: Arranha-céu; contexto; sentido de chegada; sentido de lugar; condição da base.

SKYSCRAPER IN THE 21ST CENTURY: SENSE OF ARRIVAL AND THE SENSE OF PLACE. THE CASE OF LEADENHALL BUILDING

ABSTRACT: This paper is part of the master’s research, presented in February 2018, which has as its study the possibilities of insertion of the typology skyscraper in the 21st century. How does the tall building relate to the physical characteristics of the place, for a better performance in the role of solution for the high densification of large urban centers? Given the analytical character of the research, and based on preliminary studies already developed, the important question arises of the base condition and, mainly, of the “sense of place” and “sense of arrival” of skyscrapers and their relationship with the street scenery. The dynamic aspects of the proposed motion towards a building are presented as the focal point of case study presented in this paper: the *Leadenhall Building* in London.

KEYWORDS: Skyscraper; context; sense of arrival; sense of place; base condition

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo tem como base parte da pesquisa apresentada na dissertação de mestrado concluída em fevereiro de 2018, que tem como tema o estudo de possibilidades de

inserção da tipologia de arranha-céu no século XXI. O tema pressupõe, entre outros conceitos abordados naquela pesquisa, um olhar prático sobre questões contextuais que envolvem os edifícios altos com seu local de inserção.

A pesquisa buscou ensaiar a partir de diagramas conceituais, a importância da condição de base e, principalmente, a forma de aproximação aos arranha-céus bem como sua relação com a paisagem da rua. Ao inserir um objeto arquitetônico nas dimensões usuais de um arranha-céu sobre o tecido urbano, a questão das visuais, da aproximação da escala humana, da vida da cidade sob o ponto de vista do observador, parece ser a condição chave para outras abordagens pertinentes à qualidade dos arranha-céus no século XXI. Os aspectos dinâmicos do movimento proposto em direção a um edifício apresentam-se como ponto focal dos estudos empreendidos. Ao unir as análises diagramais com questões de ordem teórica brevemente citadas, apresentam-se claramente aspectos da pesquisa que serão desenvolvidos neste artigo e no estudo de caso a seguir apresentado: o *Leadenhall Building*, em Londres. Soma-se a isso, o uso do *Google Street View* como ferramenta de análise dada sua possibilidade de decupagem do movimento em quadros que podem, então, ser analisados por meio dos diagramas, buscando-se desenvolver os conceitos de “sentido de chegada” e “sentido de lugar” com relação ao edifício investigado.

2 | O ARRANHA-CÉU E O CONTEXTO

Assim que a estrutura independente rompe os limites de altura sobre a superfície de Chicago, a vertigem passa a povoar o imaginário humano e, desde então, avançamos em altura munidos de tecnologia. É a partir da cidade americana que se constrói o fascínio, mas também, o temor das superestruturas urbanas. Colin Rowe, em seu artigo *A estrutura de Chicago*, assim refere-se àqueles edifícios:

(...) trata-se de estruturas que não estabelecem compromisso algum com o observador, não são caprichosas nem urbanas, e mostram uma autenticidade tão completa que estamos dispostos a aceitá-las como fatos naturais, mais como manifestações geológicas do que como êxitos arquitetônicos (ROWE, 1999, p.92).

Ao comparar os arranha-céus a manifestações geológicas, Colin Rowe indica a forma como essas estruturas se consolidam no imaginário humano. Ao afirmar que “estamos dispostos a aceitá-las como fatos naturais” Rowe traduz fascínio e impotência, dada a escala e a inserção afirmativa de tais estruturas sobre o sítio.

Nunca se construiu tantos arranha-céus como atualmente; dados revelados pelo *Council on Tall Buildings and Urban Habitat (CTBUH)* mostram que nos últimos 5 anos o número destes edifícios duplicou. Porém, a base tipológica que vemos comumente em nossas metrópoles é a mesma utilizada desde os anos 1950, período em que esses edifícios se popularizam; uma tipologia ligada a uma crença modernista do século XX que embasa o Estilo Internacional em que a forma segue a função.

Houve, é claro, um avanço significativo na eficiência energética e no desempenho dos materiais de manufatura dessas torres, mas os modelos que vemos em nossas cidades poderiam ser facilmente transpostos para qualquer região do mundo. Assim, como consequência, dá-se a homogeneização dos centros urbanos: edifícios em altura descontextualizados com o espaço físico, cultural e ambiental gerando *skylines* que em grande parte são mais próximos de “sinônimos” entre si, do que de edifícios com características de edifícios “nativos”, como afirma o Diretor do CTBUH, Dr. Antony Wood (2014).

Tom Ford e Russel Gilchrist (2015), ambos urbanistas da *Gensler*, definem os *skylines* como ícones que instigam pessoas, por conta de sua complexidade urbana, criando caráter e definições de lugar. “O *skyline* de uma cidade pode fornecer uma imagem poderosa que serve de farol quando visto de longe” (FORD; GILCHRIST, p.238).

Para Kevin Lynch (2011), a imagem da paisagem de uma cidade pode ser tratada como um objeto que possui significados variados, difíceis de serem previstos. Ao se construir uma cidade, é possível prever que ela tenha uma imagem clara. Porém, as definições irão surgir, indiretamente, ao longo de seu desenvolvimento, segundo Lynch (2011).

O primeiro item abordado pelo documento inglês “*Historic England Advice Note 4*”, propõe que:

Cidades evoluem, assim como os seus *skylines*. Individualmente, ou em grupos, edifícios altos podem afetar significativamente a imagem, o caráter e a identidade das cidades como um todo, e durante um longo período. No lugar certo, edifícios altos bem projetados podem contribuir positivamente para a vida urbana (HISTORIC..., 2015, p.02).

Da mesma forma que o documento inglês aborda a questão da responsabilidade que uma arranha-céu tem sobre um *skyline* e a vida urbana de uma cidade, Robert Goodwin (2015) sugere que, à medida que uma edificação em altura vai aumentando – e alguns casos também estreitando, devido a fatores de zoneamento por exemplo –, poderiam existir diálogos entre os edifícios. A finalidade desse diálogo é criar oportunidades e fazer relações contextuais entre as edificações, formando paisagens únicas e identificáveis no contexto cada vez mais denso das cidades.

A professora Terri Boake, da Universidade de Waterloo, no Canadá (2015), concorda que os *skylines* são importantes indicadores da identidade de um lugar. Os prédios se enraízam na mente das pessoas e se tornam símbolos, sendo associados a memórias e sensações da cidade. Porém, segundo Boake, quando se direciona a atenção para o topo do edifício, cai-se em um apelo estético equivocado, na busca por chegar a pontos mais altos com a finalidade de obter um vibrante e emocionante horizonte.

Portanto, Terri Boake (2015) diz que o principal foco de um projeto de edifício em altura deve ser a condição da base em relação ao local de inserção. Pois, além

de ser no encontro entre a base dos arranha-céus e o solo em que a vida e o fluxo da cidade acontecem, é no encontro desta megaestrutura com o nível da rua que essa poderá interferir na vitalidade da paisagem em uma metrópole. É no nível do passeio que podemos realmente vivenciar uma cidade e é através do investimento em espaços públicos de qualidade que esses prédios serão mais facilmente integrados ao seu contexto.

Assim, se por um lado estamos dispostos a aceitá-los como fatos naturais, como nosso olhar direcionado para pontos extremos em altura que tanto fascina, por outro lado cabe redirecionar esse olhar para a base dos arranha-céus: arcabouço de ligação entre contextos urbanos e culturais preexistentes.

E como um arranha-céu poderia interagir como o nível da rua?

Segundo Antony Wood (2014), o arranha-céu deve respeitar e “abraçar” a cidade que já está construída. Ela já possui história, já há um legado físico existente, como ruas, praças, eixos, monumentos e edificações no qual inserir o arranha-céu. Assim, a teoria dos contextualistas que buscavam entender o “espírito do lugar” como ponto de partida da criação projetual ganha força, ao aceitarmos que o edifício em altura pode se contextualizar por meio de sua base e entorno imediato. Deste modo Wood finaliza sua reflexão ressaltando que as construções importantes já existentes no sítio impactam na forma ou na expressão da torre ali realizada.

3 | O SENTIDO DE CHEGADA E O SENTIDO DE LUGAR

Hoje o urbanismo é sinônimo de edifícios altos. Devido à sua natureza simbólica, uma grande dose de atenção é dada à sua característica definidora: como eles encontram o céu – uma característica que é bem mais bem apreciada a distância. Independentemente da altura de um edifício, no entanto, se alguém está preocupado com o habitat urbano, a mesma atenção deveria ser dada à experiência ao nível da rua, onde o indivíduo e o edifício se encontram, seja como pedestre ao passar por esses edifícios, e mais importante ainda, seja como um ocupante que entra no edifício. Para um usuário, em particular, a qualidade de um edifício começa com um “sentido de chegada” (GOETTSCHE, 2012, p.360).

Com base no trecho acima, extraído da comunicação de James Goettsch, presidente do *Goettsch Partners* e membro do *American Institute of Architects*, no 9º Congresso Mundial do CTBUH, 2012, em Xangai, a preocupação com o arranha-céu do futuro recai também, assim como o argumento de Terri Boake, sobre o embate do usuário ou pedestre com a base do edifício. Se desloca, o interesse de “como eles encontram o céu” – as terminações, os escalonamentos, os pináculos e antenas, detentoras de fantasias que povoam o imaginário senso comum do século XX – para como eles encontram o sítio e, por extensão, como as pessoas se encontram com essa base. É a partir desse nível que se delineia um horizonte em escala humana, capaz de coexistir com um entorno que normalmente já está conformado, mas que poderá não estar, e nesse caso, essa base lançaria as possibilidades que estenderiam um núcleo inicial da vida humana.

É nesse sentido que a noção de “sentido de chegada” está investida de significados, além da mera noção funcional de acessos pragmáticos, e comporta possibilidades de acolhimento e identidade. Nesse ponto, a noção de sentido de chegada encontra o que podemos chamar de “sentido de lugar”. Esse conceito traz a possibilidade de conformar um lugar, com base no acontecimento arquitetônico que se desdobra, a partir das relações estabelecidas pela base desses arranha-céus. O sentido de chegada estaria, assim, intimamente ligado ao sentido de lugar. Isso, pois, ao se aproximar de um edifício em altura, as relações de perspectiva, bem como a noção de escala e de continuidade com relação ao contexto onde o edifício se insere, são tanto dados que edificam um percurso até o edifício, quanto são dados que auxiliam na construção de um lugar que, se já existe. Conformando ou reforçando visuais preexistentes, os sentidos são severamente desestabilizados pela inserção de um arranha-céu, mas não necessariamente modificados em suas bases culturais e de identidade.

A inserção do *Leadenhall Building* (2014), em Londres, serve como estudo de caso que será apresentado a seguir, buscando ampliar a compreensão do sentido de chegada, uma expressão ou conceito que já está inserida no contexto crítico da produção de arranha-céus, com foco no deslocamento e nas relações de perspectiva e de uso ao nível do observador, que se complementa com a noção de “sentido de lugar”, que estaria relacionada com os aspectos culturais que povoam a cidade em suas mais diversas manifestações.

4 | O CASO DO LEADENHALL BUILDING

Construído sobre um terreno com dimensões de 48 por 62 metros, em área ocupada grande parte por bancos e seguradoras, o esbelto arranha-céu de 225 metros e 47 andares está localizado na *Leadenhall Street*, coração de Londres – antigo centro romano da cidade –, em frente ao *Lloyd’s Building* e rodeado por edificações históricas protegidas.



Figura 1: *Leadenhall Building*.

Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

Em Londres, a premissa conceitual do *Leadenhall Building* (Figura 1), do escritório *Roger Strick Harbour + Partners*, buscou, a inserção do arranha-céu no contexto da metrópole consolidada, através da forma da edificação. Obedecendo às diretrizes criadas pelo sistema de planejamento urbano da cidade, que controla as edificações em altura, resguarda corredores visuais de pontos estratégicos de Londres: a Catedral de *St. Paul* e o Palácio de *Westminster*. Chamadas de “*London View Management Framework*” (LVMF), essas orientações definem dez visuais estratégicas para serem protegidas de qualquer expansão inapropriada, segundo Peter Murray (2012), presidente do *New London Architecture Centre*.

Peter Murray (2012) descreve que o corredor visual se estende na forma de um cone de visão nos dois extremos do percurso, em que nenhum prédio em altura pode ser construído de maneira que atrapalhe a visão dos pontos focais. Dessa forma, a estratégia projetual dos arquitetos do *Leadenhall Building* foi de inclinar o volume do edifício para trás em relação à *Leadenhall Street* para garantir que a vista para a silhueta do domo da Catedral de *St. Paul* continuasse no horizonte londrino (Figura

2), gerando um efeito positivo de preservação da paisagem no contexto histórico da cidade.



Figura 2: Vista do *skyline* de Londres a partir do domo da Catedral *St. Paul*. É possível observar o corredor de visual gerado pelas inclinações das edificações.

Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

Além disso, o urbanismo da cidade deve seguir o documento “*Guidance on Tall Building*”, elaborado pelo “*Design Council CABE (Commission for Architecture and the Built Environment)*” em associação com o “*English Heritage*”, em que uma série de diretrizes para as novas edificações são apresentadas. Dentre essas diretrizes, os parâmetros estabelecidos para a busca da constante preservação das visuais para a Igreja *St. Andrew* e outras edificações históricas influenciam em grande escala as novas construções. Padrões de alinhamentos, sequências e permeabilidade garantem uma relação contextual entre escalas na paisagem da rua.



Figura 3: Sequência de imagens capturadas do *Google Street View*.

Fonte: *Google Street View*

Ao utilizar o *Google Street View* como ferramenta de análise para o “sentido de chegada”, é possível perceber, em imagens capturadas ao longo da *Leadenhall Street* (Figura 3), a opção por uma inserção do térreo do edifício contextualizada com seu entorno a partir de uma sequência de ritmos em que os arcos da fachada histórica lindeira ganham continuidade na estrutura metálica contemporânea do arranha-céu (Figura 4). Esta condição de continuidade rítmica entre edificações remete à ideia “contextualista” de Thomas L. Schumacher (1995), em que “[...] se propõe um meio-termo entre um passado irrealista congelado, que não admite nenhum desenvolvimento, e a renovação urbana que destrói toda estrutura de cidade.” Este equilíbrio entre épocas reforça a ideia de percurso, dando sentido de continuidade à perspectiva da caixa de rua em que se insere o edifício.

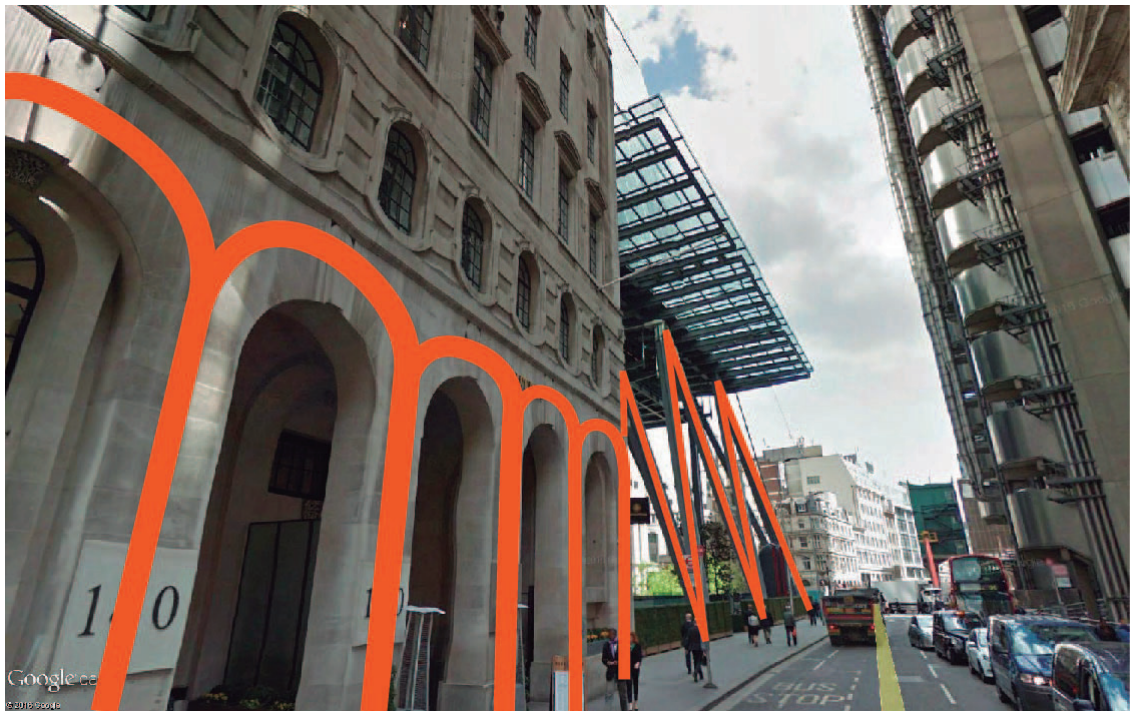


Figura 4: Diagrama conceitual mostra os arcos da fachada histórica ganhando continuidade na base do arranha-céu.

Fonte: Realizado pelo autor a partir das imagens capturadas pelo Google Street View.

Seguindo a premissa da relação de um arranha-céu com o contexto de um local já consolidado, percebe-se, também, o alinhamento da base do *Leadenhall Building* com a altura dos edifícios do entorno criando, pela perspectiva, uma continuidade entre a base do *Leadenhall Building* e o topo dos edifícios do entorno histórico articulando assim, o novo com o existente. Assim, uma transição entre escalas é dada ao nível dos olhos do observador para que a continuidade da edificação em altura rumo ao céu não interfira na escala na cidade pré-existente (Figura 5).

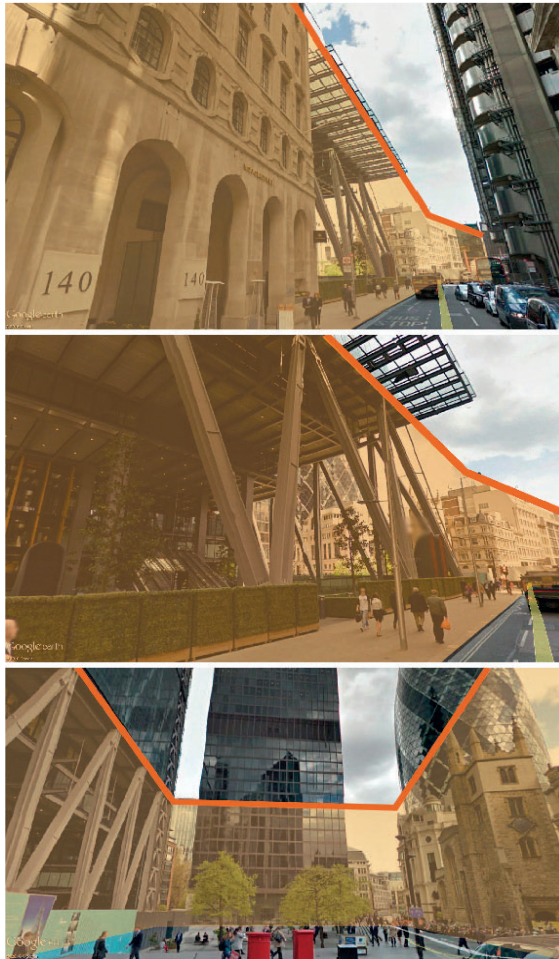


Figura 5: Diagrama conceitual mostra o alinhamento da base em relação aos edifícios lindeiros ao longo do percurso.

Fonte: Realizado pelo autor a partir das imagens capturadas pelo Google Street View.

Finalizando a continuidade do alinhamento contextual da base, nota-se uma quebra de paradigma nas estreitas ruas da cidade de Londres. A falta de elementos estruturais no centro do arranha-céu proporciona a criação de um espaço público-privado no nível do solo, servindo como galeria e local de contemplação para população (Figura 6). Com altura de 28 metros, este ambiente permeável permite uma melhor visualização do contexto pré-existente dos quarteirões vizinhos, assim como a liberação das visuais para a Igreja de *St. Andrew Undershaft*, seguindo os parâmetros do “*Guidance on Tall Buildings*”.



o

Figura 6: Diagrama conceitual mostra a permeabilidade da base em relação ao contexto pré-existente dos quarteirões vizinhos.

Fonte: Realizado pelo autor a partir das imagens capturadas pelo Google Street View.

Ao observar este térreo aberto do Leadenhall Building, nota-se que a intenção desse espaço público-privado, que também serve como entrada para a edificação, é dar continuidade ao espaço aberto existente ao lado (Figura 7). Em outras palavras, é como se o primeiro nível do edifício “abraçasse” a praça tomando-a para si. Essa composição abre um espaço livre e flexível que se funde com o hall do arranha-céu, convidando o pedestre a apropriar-se e utilizar a área.



Figura 7: Térreo permeável do *Leadenhall Building*.

Fonte: Arquivo fotográfico do autor.

Dessa forma, a ideia de que os espaços públicos proporcionam a oportunidade de criar um lugar que comunique as influências de seus arredores, dos urbanistas de Singapura Ed Baker e Monique Suksmaningsih, tomam o arranha-céu ainda mais contextualizado com seu entorno imediato. Pois segundo os urbanistas:

Esta compreensão do contexto desempenha um papel importante na integração bem-sucedida de um edifício alto e sua adoção nos corações e mentes das pessoas que vivem ao seu redor. Os desenvolvedores devem considerar a escala humana, como foco no que as pessoas veem no nível da rua e como elas podem interagir e usar o espaço (BAKER; SUKSMANINGSIH, 2016, p.219).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imaginar que não há impacto com a inserção de um arranha-céu no tecido urbano constituído, ou que esta inserção poderia ser apenas a grande oportunidade de sutura urbana ou de configuração de uma escala humana já um tanto distante, seria um pouco ingênuo. No entanto, mais ingênuo ainda seria creditar às construções em baixa altura, ou contextualizadas ao entorno meramente por respeitarem um gabarito preexistente, a salvação de uma cidade utópica. Parece que as estratégias envolvidas no exemplo analisado merecem atenção em direção às possibilidades arquitetônicas e urbanísticas capazes de lidar com uma realidade de terceiro milênio sem, no entanto, descartar o arcabouço constituído por séculos de transformações urbanas.

Nesse sentido, operar com a cidade contemporânea exige reflexões capazes

de incluir, por meio de estudos que permitam aproximar realidades distintas – o futuro e o passado – em direção a novas formulações estratégicas.

Associar, por meio de possíveis estratégias, conceitos tão díspares como contextualização – e de alguma forma – um certo espírito do lugar à construção de arranha-céus, não parece impossível sob o ponto de vista analisado.

REFERÊNCIAS

BAKER, Ed; SUKSMANINGSIH, Monique. Contextualizing Tall Buildings to Avoid the Creation of Identical Cities. In: HE, Jingtang; MALOTT, David; WOOD, Antony. (Org). **Cities to Megacities: Shaping Dense Vertical Urbanism**. Chicago: CTBUH, 2016.

BOAKE, Terri Meyer. It's Not About the Skyline, It's About the Base Condition. In: MALOTT, David; WOOD, Antony (Org). **Global Interchanges: Resurgence of the Skyscraper City**. Chicago: CTBUH, 2015.

COMMISSION FOR ARCHITECTURE AND URBAN THE BUILT ENVIRONMENT – CABE; ENGLISH HERITAGE. **Guidance on tall building**. Londres, 2007.

DESIGN COUNCIL; ENGLISH HERITAGE. **Tall Buildings: Advice on planmaking, submitting, assessing and deciding planning proposals**. Londres: English Heritage, 2014.

FORD, Tom; GILCHRIST, Russel. Base Instincts. In: MALOTT, David; WOOD, Antony (Org.) **Global interchanges: Resurgence of the Skyscraper City**. Chicago, CTBUH, 2015.

GOODWIN, Robert: Context, Climate, Culture – Investigating Place in Tall Building Design. In: MALOTT, David; WOOD, Antony (Org.) **Global interchanges: Resurgence of the Skyscraper City**. Chicago, CTBUH, 2015.

GOETTSCHE, James. How Tall Buildings Meet the Ground is as Important as How They Meet the Sky. Shanghai, **CTBUH 2012 9th World Congress**, 2012.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MURRAY, Peter. Building Tall in a 2,000-Year-Old-City. **CTBUH Journal 2013**, Issue II, 2013.

ROWE, Colin. **Manierismo y arquitectura moderna y otros ensayos**. Barcelona: Gustavo Gili, 1999. (Título Original: *The mathematics of the ideal Villa and other essays*. Massachusetts, Londres: MIT Press, 1976).

SCHUMACHER, Thomas L.. Contextualismo: Ideais Urbanos e Deformações. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura: Antologia Teórica, 1965-1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

WOOD, Antony: Rethinking the Skyscraper in The Ecological Age: Design Principles for a New High-Rise Vernacular. In: JOHNSON, Timothy; WOOD, Antony; ZHENG, Shiling (Org.) **Future Cities: Towards Sustainable Vertical Urbanism**. Chicago: CTBUH, 2014.

YOUNG, Andy; ANNAREAU, Nigel; BUTLER, Andy; BRIAN, Smith. Building Case Study: The Leadenhall Building, **CTBUH Journal 2013**, Issue 2, 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arranha-Céu 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12

B

Baia de Guanabara 26, 34

C

Cidades 3, 24, 25, 29, 30, 31, 32, 34, 41, 50, 54, 55, 62, 64, 65, 66, 67, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 88, 89, 92, 103

Condição da Base 1, 3

Conectividade 14, 15, 16, 22, 23, 24, 45

Contemporaneidade 36, 65, 76, 77

Contexto 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 16, 28, 29, 30, 41, 42, 44, 52, 54, 67, 68, 76, 77

Corredores Verdes 14

Criatividade 40, 46, 48, 52, 63

D

Desenvolvimento Urbano 25, 32, 41, 48, 66, 76, 82, 89, 103

E

Economia Criativa 40, 47, 50, 51, 58

Espaços Públicos 4, 12, 14, 22, 54, 63, 76

H

Habituação 5, 30, 47, 48, 65, 66, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90

I

Inovação Social 40

Intervenção 38, 45, 46, 48, 50, 53, 54, 55, 59, 60, 63, 77, 80

M

Mercado Imobiliário 30, 37, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 78

Minha Casa Minha Vida 65, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 89, 90

N

NDVI 14, 15, 18, 19, 21, 23

P

Patrimônio Cultural e Paisagístico 25, 33

Patrimônio Industrial 40, 41, 42, 47, 51, 53

Política Habitacional 66, 67, 76, 78, 79, 81, 82, 84, 88, 89

Práticas Criativas 40, 52

R

Regeneração 14, 54, 55, 62

S

Segregação 5, 6, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 38, 65, 66, 67, 68, 70, 75, 76, 77, 90

Segregação Socioespacial 65, 67, 75, 76, 77

Sensoriamento Remoto 14, 16, 18, 23

Sentido de Chegada 1, 2, 4, 5, 8

Sentido de Lugar 1, 2, 5

T

Teoria das Janelas Quebradas 54, 55, 56

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-615-7

